

PSICANÁLISE E INSTITUIÇÃO: ALGUMAS QUESTÕES

(2006)

Virgínia Ferreira

Universidade Católica de Petrópolis – UCP (Brasil)

Contactos:

virginia-ferreira@uol.com.br

RESUMO

O presente artigo trata de questões que apontam tanto para a transmissão da psicanálise, bem como para sua prática em âmbito institucional, posto que esta – a psicanálise –, não é uma teoria “transmissível” academicamente, nem o exercício de sua prática pertinente (viável), na esfera institucional.

Por entender que a transmissão e a prática psicanalíticas só são possíveis em um campo de suspensão, regido pela transferência e pelo manejo da mesma, no presente artigo, alicerçada no referencial teórico apontado pela Teoria e Técnica Psicanalíticas, assim como, na experiência em instituições, levanto algumas questões.

Palavras-chave: Inconsciente, instituição e transferência

PSICANÁLISE E INSTITUIÇÃO

A psicanálise carece e dispõe de um modo particular de transmissão porque ela não é constituída simplesmente por um saber e, ainda menos, por uma técnica, (...) tem por objeto próprio a relação que o saber mantém com o inconsciente.

(MANNONI, 1983, p.117).

O inconsciente, as suas formações e a transferência freudiana, devem sempre ser pensados como um abalo às certezas da consciência, descentralizando o sujeito, mas, ao mesmo tempo, revelando e compondo as mesmas, as únicas vias para o auto-reconhecimento, para o exercício da liberdade maior.

Freud, em diversas passagens de sua vida e obra, refere-se à importância da análise pessoal do futuro analista, bem como daqueles que exercem a psicanálise, pois o princípio básico desta se aprende na própria análise pessoal.

Essa especificidade da transmissão da psicanálise, via transferência, cria questões relevantes e polêmicas, dentre as quais, a que se refere à transmissão, bem como, a seu exercício no âmbito institucional.

Consideremos aqui, instituição acadêmica como uma sociedade ou uma organização com caráter de relativa permanência, e identificável pelo valor de seus códigos de conduta, alguns deles expressos em leis, onde aponta esta – a instituição, para a transmissão e prática de determinado saber. Aqui em questão, a teoria e prática psicanalíticas.

Desde o início Freud destaca da transmissão da psicanálise dois aspectos básicos: o ensino da psicanálise voltado para não analistas – universidades – e, aquele dirigido à formação de psicanalistas – sociedades de psicanálise. No primeiro, prevaleceria a informação acerca da psicanálise, de natureza acadêmica e formal e, no segundo, a prevalência se daria na forma iniciática, sem que, com isto, se tornasse um ensino profissionalizante.

As instituições universitárias em que estão centradas nossas análises, são as que oferecem cursos de especialização em psicanálise, curso este que objetiva uma reflexão acadêmica acerca da teoria psicanalítica, bem como o exercício supervisionado de sua prática, que diz respeito diretamente aos atendimentos realizados na própria instituição. Tais instituições, porém, nem objetivam com isto, a formação de psicanalistas, nem estão voltadas apenas para a transmissão de uma teoria. Neste sentido, seriam então instituições medianas, situadas entre a transmissão acadêmica de um saber e uma prática voltada para a formação de especialistas, não para a formação de psicanalistas.

Porém, a especificidade da transmissão desta teoria, via transferência, na esfera institucional, seja qual for o objetivo da mesma, nos coloca diante de questões relevantes e polêmicas, dentre as quais a que se refere à transmissão, bem como a seu exercício, pois

A psicanálise carece e dispõe de um modo particular de transmissão porque ela não é constituída simplesmente por um saber e, ainda menos por uma técnica (...) tem por objeto próprio a relação que o saber mantém com o inconsciente.

(MANNONI, 1983, p. 117).

Este saber, mais ligado às vicissitudes do desejo inconsciente, nasce em uma relação transferencial.

Freud, em várias passagens de sua vida e obra, refere-se à importância da análise pessoal do futuro analista, bem como daqueles profissionais que exercem a psicanálise, pois o princípio básico desta se aprende na própria análise pessoal.

Em carta a Fliess de 12 de junho de 1897, Freud fala de suas experiências neuróticas e do que sentia como uma espécie de paralisia intelectual. Em 7 de julho de 1897, faz novos comentários, dessa vez apontando para dificuldades na relação com Fliess:

Sei que, no momento, estou imprestável como correspondente, sem nenhum direito a pleitear coisa alguma, mas nem sempre foi assim e nem continuará sendo. Ainda não sei o que está acontecendo comigo. Algo proveniente das mais recônditas profundezas de minha própria neurose insurgiu contra qualquer progresso na compreensão das neuroses, e de algum modo, você foi envolvido nisto. Isso porque minha paralisia redacional me parece destinada a inibir nossa correspondência – comunicação-. Não tenho nenhuma garantia disso, apenas sentimentos de natureza altamente obscura. Não terá nada desse tipo ocorrido com você?

(MASSON, 1986, p. 255 – 256).

Em outra carta, esta datada de 14 de agosto de 1897, a explicação de sua auto-análise aparece.

O principal paciente a me ocupar, sou eu mesmo. Minha histeriazinha, apesar de muito acentuada por meu trabalho, solucionou-se um pouco mais. O resto ainda está paralisado. É disso que depende primordialmente meu estado de ânimo. A análise é mais difícil do que qualquer outra. De fato, é ela que paralisa minha energia psíquica, para descrever e comunicar o que conquistei até agora. Mesmo assim, creio que precisa ser feita e que é uma etapa intermediária em meu trabalho.

(MASSON, 1986, p. 262).

Freud, em seu trabalho “Recomendações aos Médicos que Exercem a Psicanálise, 1912, escreve:

Todo aquele que tome o trabalho a sério deve escolher este curso, que oferece mais de uma vantagem, o sacrifício que implica revelar-se a outra pessoa, sem ser levado a isso pela doença, é amplamente recompensado. Não só o objetivo de aprender a saber o que se acha oculto na própria mente é muito mais rapidamente atingido, e com menos dispêndio de afeto, mas obter-se-ão, em relação a si próprio, impressões e convicções que em vão seriam buscadas no estudo de livros e na assistência de palestras.

(FREUD, 1976, p.155).

Assim sendo, o princípio básico do que é essencial a respeito da psicanálise se aprende na própria análise pessoal, portanto, como via privilegiada de transmissão da psicanálise temos a transferência, no que se refere a um saber sobre o próprio sujeito, e o saber articulado à parte relativa ao ensino e à supervisão, sendo por conseguinte, este, um saber que advém do outro.

Sendo a transmissão da psicanálise composta por estas duas vertentes unidas – transferência e ensinamento académico, como podemos pensar essa transmissão e prática na esfera institucional académica, que aponta para o ensinamento, esbarrando na tentativa de abarcar concomitantemente uma prática.

Entendendo-se que o processo psicanalítico só é possível no interior de um campo de suspensão, de renúncia ao exercício de poder, e sendo a instituição algo que existe em decorrência de uma lei formal, estruturando-se a partir de um saber que tem, e, ainda, entre outras, tem a função de perpetuá-la enquanto tal, como então, pensar a prática analítica no interior deste campo envolto de atravessamentos.

Em termos da proposta de Freud em “Psicologia das Massas e Análise do Ego” (1921), a instituição se comporta como quem aponta para uma paternidade absoluta, pois nela, se estabelecem condições de obediência da lei internalizada, isto porque, há de certo modo, na instituição, a intenção de reprodução de um dado saber.

Assim sendo, na tentativa do exercício da psicanálise em meio à dinâmica institucional, fatalmente corre-se o risco de dissolver-se num delírio improdutivo, favorecendo todo o tipo de uso de poder na prática indevassável do processo analítico, cristalizando, deste modo, a transferência – relação onde o par analista-analisando estão implicados – e, racionalizando o irracionalizável: o inconsciente, uma vez que, a instituição, como sistema de ensino, tende a consagrar como digna de conservação a cultura que ela tem o mandato de reproduzir.

É pouco provável, mas não impossível, que diferentes instituições originem transformações e inovações, mas é de fundamental importância, conhecer o código de funcionamento de cada

tipo de instituição e as formas de poder que ela engendra. Cada instituição estabelece seus próprios critérios que se tornam ou não, condição para possibilidade do exercício da psicanálise. É necessário, nesse processo de transformação, que os responsáveis pelas regras de funcionamento institucional, tentem evitar não menos que, mas para além de tudo, interferir como exercício de poder na experiência daquele que pretende a psicanálise – analista/analizando, começando, talvez assim, a viabilizar o eixo transferencial.

Cabe ressaltar que, nem todas as práticas que se pensam através da organização e sistematização do sistema inconsciente são parte da psicanálise, mas os diversos modos do saber psicanalítico têm que ser produzidos sistematicamente em torno do inconsciente como objeto.

Só se pode pensar a psicanálise como articulada em torno do inconsciente como sistema, ou seja, a psicanálise só pode ser estruturada em torno do inconsciente como seu objeto, e este objeto tende a organizar-se enquanto um sistema. As se denominar um determinado saber ou uma determinada prática de psicanálise, isto só é válido se este campo for estruturado em torno do inconsciente, abarcando todas as suas produções, pois caso contrário, deve-se admitir que esta – a psicanálise, seria apenas um rótulo, um nome a ser atribuído indiscriminadamente em qualquer tipo de saber e prática e não algo que se possa produzir.

O encontro analista-analisando é condição irremediável, tanto para a produção de saber, como para a prática psicanalítica, pois o início desta relação, já se encontra a especificidade de transmissão da psicanálise e o eixo fundamental que sustenta a relação: a transferência.

Esta relação tão singular, tão única, que se empreende compondo um campo intersubjetivo, onde todas as formas de produção do inconsciente não só são bem-vindas, como desejadas, não comporta e se opõe a qualquer tipo de atravessamento.

Quando um sujeito que sofre procura uma instituição para atendimento, a transferência foi estabelecida com a instituição e como deslocar esta, a transferência somente para a figura do analista, uma vez que, o espaço é institucional, as regras são institucionais, as marcações e desmarcações das consultas são realizadas pela instituição, etc.

Ao pensarmos esta produção de saber e prática psicanalíticas dentro da esfera institucional acadêmica que, via de regra, é concebida para se defender contra as questões que a transferência coloca e que tem a função de garantir e manter o conjunto de proteções e resistências, anularíamos, desta maneira, as produções do inconsciente, portanto, a mensagem de verdade da própria psicanálise.

BIBLIOGRAFIA

DIDIER-WEILL, Alain. **Inconsciente Freudiano e Transmissão da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. O Método psicanalítico de Freud (1904), vol. VII

_____. A Dinâmica da Transferência (1912), vol XII

_____. Recomendações aos Médicos que Exercem a Psicanálise (1912), vol XII

_____. O Inconsciente (1915), vol. XIV

_____. Psicologia de Grupo e Análise do Ego (1921), vol. XVIII

MANNONI, Maud. **A Teoria como Ficção**. Rio de Janeiro: Campus, 1982.

MANNONI, Octave. **Ficções Freudianas**. Rio de Janeiro: Taurus, 1983.

MASSON, Jeffrey Moussaieff. **A Correspondência Completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess – 1887 / 1904**. Rio de Janeiro: Imago, 1986.